

CADERNO DE PRÁTICAS E VIVÊNCIAS  
INTEGRADORAS DA EJA DIURNA

# TERRITÓRIO

GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria da Educação



INTEGRAÇÃO ENTRE LINGUAGENS  
E CIÊNCIAS HUMANAS

CADERNO DE PRÁTICAS E VIVÊNCIAS  
INTEGRADORAS DA EJA DIURNA

# TERRITÓRIO

GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria da Educação





**GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO**  
*Secretaria da Educação*

**Governador do Estado do Espírito Santo**

José Renato Casagrande

**Secretário de Estado da Educação do Espírito Santo**

Vitor Amorim de Angelo

**Subsecretária de Educação Básica e Profissional**

Andréa Guzzo Pereira

**Gerente de Educação de Jovens e Adultos**

Mariane Luzia Folador Dominicini Berger

**Subgerente de Desenvolvimento Curricular  
da Educação de Jovens e Adultos**

Alessandra Ribeiro Alves

**Organizadora do Conteúdo**

Ana Claudia Araujo de Lima

**Revisores de Conteúdo**

Rogério Carvalho de Holanda

Bruno de Almeida Zamite

**Equipe Técnica da Gerência de Educação  
de Jovens e Adultos**

Ana Claudia Araujo de Lima

Andrêssa Endlich Dourado

Edimar Barcelos

Flávia Demuner Ribeiro

João Batista Pereira Alves

Márcio Peters

Pollyanna Labeta Iack

Rayvo Viana do Nascimento

Rogério Carvalho de Holanda

Simone Chagas Siqueira Pachito

Tatiana das Mercês Januário

**Equipe de Apoio da Gerência de Educação  
de Jovens e Adultos**

Carla Régis Ramos Rocha

Sara Caroline Leite Bento da Silva

Permitida a reprodução para fins educativos e de informação, com indicação da autoria, vedada qualquer utilização comercial ou com fins lucrativos.

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**(Governo do Estado do Espírito Santo, ES, Brasil)**

---

**E77c**      **Espírito Santo (Estado). Secretaria de Educação.**  
**Caderno de práticas e vivências integradoras da EJA diurna: território [livro eletrônico] / Organizadores Alessandra Ribeiro Alves, Ana Claudia Araujo de Lima, Andréa Guzzo Pereira, Mariane Luzia Folador Dominicini Berger e Vitor Amorim de Angelo. Vitória, ES: GEEJA/SEEB/SEDU, 2025.**

**31.025 Kb**  
**Bibliografia**  
**ISBN: 978-65-85134-95-8**

**1. Educação – Espírito Santo (Estado). 2. Educação Básica. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Alves, Alessandra Ribeiro. II. Angelo, Vitor Amorim de. III. Berger, Mariane Luzia Folador Dominicini. IV. Lima, Ana Claudia Araujo de. V. Pereira, Andréa Guzzo. VI. Título.**

**CDD: 370**  
**CDU: 37**

## SUMÁRIO

**6. APRESENTAÇÃO**

**7. EJA DIURNA: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS**

**11. A CATEGORIA TERRITÓRIO**

**12. CARTOGRAFIAS E TERRITÓRIOS**

**20. TERRITÓRIOS E IDENTIDADES**

**23. TERRITÓRIO E CIDADANIA**

**29. UMA COSMOVISÃO PARA SE RELACIONAR  
COM O ESPAÇO USADO**

**33. REFERÊNCIAS**

## APRESENTAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é desenvolvida como uma oferta prioritária para a Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, o que se evidencia, desde o ano de 2019, com a criação da Gerência de Educação de Jovens e Adultos – Geeja.

No ano de 2021, foi implantada a EJA Diurna Seja + com o objetivo de ampliar as oportunidades educacionais de nossos jovens, adultos e idosos, por meio de uma organização curricular diferenciada. Desde sua implantação, essa oferta tem sido aprimorada a partir de assessoramentos pedagógicos, formações e escuta de estudantes e professores. Desses movimentos sistematizados surge a proposta de elaboração de um material estruturado para apoiar a prática docente, sobretudo em relação aos componentes curriculares integradores Práticas e Vivências Integradoras 1 e Práticas e Vivências Integradoras 2.

Assim, com muita satisfação, apresentamos a Coletânea de Cadernos de Práticas e Vivências Integradoras da EJA Diurna, relacionados à integração curricular das Áreas de Conhecimento de Linguagens e Ciências Humanas. A primeira coletânea é composta por quatro Cadernos, elaborados a partir das categorias Trabalho, Território, Juventudes e Desigualdades.

Almejamos que esses materiais possam enriquecer ainda mais o trabalho docente e reverberar na formação dos nossos estudantes, por meio da apropriação de conhecimentos que possibilitem “intervir na ordem estabelecida”, como sempre nos ensinou Paulo Freire.

Desejamos um bom trabalho!

**Vitor Amorim de Angelo**  
Secretário de Estado da Educação

**Andréa Guzzo Pereira**  
Subsecretária de Estado da Educação

## A EJA DIURNA: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

A Educação de Jovens e Adultos na rede estadual de ensino vem passando por uma série de avanços, no sentido de se adequar às transformações observadas nessa modalidade e ofertar aos nossos estudantes possibilidades diversas de acesso à escola, para que eles desenvolvam seus aprendizados e concluam seu percurso escolar com qualidade e equidade. Pensando nisso, a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu), por meio da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (Geeja), tem trabalhado para fortalecer e inovar a EJA, ampliando, por exemplo, a oferta de vagas para os turnos matutino e vespertino, o que rompe com a ideia tradicional de que a oferta de EJA é exclusiva do tempo noturno.

Segundo o parecer CNE/CEB 11/2000<sup>1</sup>, documento que orienta as diretrizes para a EJA no Brasil, essa modalidade necessita ser entendida a partir das suas funções - **reparadora, equalizadora e qualificadora**. Assim, entendemos que a EJA Diurna do Espírito Santo - também conhecida como “Seja Mais” (nome do programa de implementação) surge para atender àqueles jovens e adultos que, por motivos de trabalho, de tarefas familiares ou de vulnerabilidade social, têm dificuldade ou são impedidos de frequentar uma escola no horário da noite. Além dessa nova possibilidade de horário, a EJA Diurna conta com uma organização curricular mais alinhada aos interesses desse público e às demandas do mundo moderno, como os componentes Cultura Digital, ofertado atualmente em todas as etapas e segmentos, e os componentes Práticas e Vivências Integradoras I e II, sobre os quais, à diante, iremos nos deter mais profundamente.



Imagem disponível em: [sejatroca.com/blog/post/equidade-o-caminho-para-uma-efetiva-inclusao-da-diversidade-nas-empresas](http://sejatroca.com/blog/post/equidade-o-caminho-para-uma-efetiva-inclusao-da-diversidade-nas-empresas) (Acesso em: 27/02/2024)

Passados três anos desde a implantação da EJA Diurna/Seja Mais nas escolas da rede estadual, sentimos a necessidade de entregar aos nossos professores um material que lhes ofereça, ao mesmo tempo, suporte, reflexão e inspiração, para lhes provocar novos olhares, instigar sua criatividade e aprimorar sua prática, melhorando, conseqüentemente, a qualidade do ensino e o engajamento dos estudantes jovens e adultos.

1 [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011\\_00.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf)

## O que são as “Práticas e Vivências Integradoras”?

A EJA Diurna (Seja Mais) nasce com a intenção de dinamizar e promover o maior alcance da Educação de Jovens e Adultos no estado do Espírito Santo. Mas, ao estruturarmos essa forma de oferta, temos também a intenção de inovar e revitalizar o currículo, tornando-o mais significativo. Assim nascem os componentes curriculares integradores que buscam flexibilizar os tempos de aprendizagem e valorizar as diversas formas de conhecimento e de aprendizado, combinando o tempo escolar e o tempo vivencial dos estudantes e propondo, por meio da pesquisa, trocas e interações entre a escola e a comunidade, bem como entre as diferentes abordagens das disciplinas curriculares e do conhecimento formal sobre assuntos cotidianos.



Fonte: Caderno Orientador de Práticas e Vivências Integradoras I. Sedu (2022)

Quando falamos em “integração”, estamos tomando duas dimensões: a dimensão curricular e a dimensão vivencial. A integração curricular - algumas vezes chamada de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade - considera a necessidade de um trabalho uníssono entre as diversas áreas e disciplinas escolares, partindo do princípio de que o conhecimento se torna mais amplo e mais pleno, na medida em que passa por diferentes abordagens, por aprofundamentos e detalhamentos em múltiplas direções. Da mesma forma, o conhecimento de mundo e o conhecimento sistematizado pelo currículo escolar necessitam andar juntos, numa relação de complementaridade, de modo que aquilo que se aborda, se discute e se aprende na escola ressignifique o mundo e as vivências dos sujeitos envolvidos nessas aprendizagens e, numa via de mão dupla, aquilo que se vivencia e que se experimenta fora da escola deve alimentar e dar sentido ao conhecimento formal, de forma que o estudante perceba o papel desse conhecimento para o seu contínuo crescimento.

Dessa forma, o papel dos componentes integradores da EJA Diurna não se encerra neles mesmos, mas visa à adoção de uma postura político-pedagógica de toda a escola - docentes, gestores, equipe pedagógica e discentes, a fim de construir para esses jovens e adultos uma relação realmente pujante com a escola e, principalmente, com o conhecimento - de si e do mundo que os aguarda para além do ensino básico.



## Como pensar a Integração Curricular e seus desdobramentos na vivência concreta?

Para entendermos melhor o quanto os componentes integradores podem ser proveitosos não só em nossas escolas, mas nas comunidades e territórios de vivência dos estudantes, ilustramos nossa apresentação com o recorte, inspirado em um texto jornalístico do noticiário nacional:

# Seja + Notícias

CULTURA - CIDADANIA - NATUREZA - APRENDIZADO

## Ensino sobre eventos extremos ajudou comunidade de Pernambuco a se proteger

### Educação climática salva vidas em comunidade pernambucana

Por Gabriel Gama

Em maio de 2022, Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife, enfrentou fortes chuvas que resultaram em 64 mortes. No entanto, na comunidade do Retiro, a história foi diferente dos outros bairros: o local não registrou nenhum óbito. A razão para essa discrepância não estava nas condições socioeconômicas ou na infraestrutura das moradias, mas sim em outro fator: a educação dos jovens e adultos sobre as mudanças climáticas e os riscos dos desastres.

Após quatro meses de treinamento e práticas educacionais, estudantes da comunidade do Retiro adotaram ações preventivas e foram capazes de orientar a evacuação dos vizinhos que vi-

viam em regiões sujeitas a deslizamentos. No fim das contas, salvaram vidas.

Havia chovido a madrugada inteira. Quando Aléxys Gabriel Ferreira, então com 16 anos, acordou, ele notou pelo pluviômetro caseiro - que tinha aprendido a construir e a analisar durante o treinamento - que o cenário era de preocupação. Saiu, então, batendo na vizinhança para pedir que os moradores deixassem suas casas.

"Segui as recomendações que ouvi no projeto e falei para as pessoas saírem da área de risco, para tomarem cuidado, e me coloquei à disposição para tirar dúvidas dos moradores e passar as perguntas deles para o pessoal da Defesa Civil", conta.



PUBLICAÇÃO ORIGINAL EM: [APUBLICA.ORG](http://APUBLICA.ORG)  
DATA: 27 DE FEVEREIRO DE 2024

O caso apresentado no texto acima nos exemplifica como o ensino pode e deve ser articulado às necessidades e possibilidades de cada território, associando de fato teoria e prática, reflexão e ação, escola e comunidade, conteúdo escolar e senso de cidadania e de humanidade.

Ao pensarmos os detalhes da notícia acima, veremos que o “treinamento” e a fabricação do pluviômetro caseiro, que evitaram uma tragédia na comunidade do Retiro, certamente são etapas de uma proposta metodológica sobre educação climática. Porém, o que está implícito é que a escolha dessa temática nasce do fato de se estar em um território vulnerável a esse tipo de ocorrência - fortes chuvas, com enchentes, deslizamentos e outras tragédias. E, para se chegar às etapas que culminaram nessa ação, provavelmente houve uma pesquisa prévia, um diagnóstico do território que verificou suas reais necessidades e, então, traçaram-se a

metodologia, os conteúdos e cada uma das etapas de desenvolvimento.

A atitude do adolescente Aléxys Gabriel demonstra, ainda, um tratamento abrangente, integral do problema, que permitiu não só a habilidade de fabricar um artefato, uma tecnologia, mas também a capacidade de interpretar os dados fornecidos por essa ferramenta e o desenvolvimento da proatividade para uma tomada de decisão a partir da leitura desses dados, com senso de coletividade e segurança. Outro ponto a se destacar é a parceria com órgãos públicos - nesse caso a Defesa Civil, demonstrando que quanto mais diálogos, isto é, quanto mais integração, maior e mais rico é o aprendizado.

Podemos indicar, ainda, a possibilidade de discutir, a partir da questão climática, questões éticas, políticas, historiográficas, socioeconômicas e étnico-raciais relacionadas a esse tipo de tragédia, desenvolvendo o senso crítico para refutar a ideia simplista de que uma tragédia como essa, comum em muitos cenários brasileiros, ocorre em função apenas de um “fenômeno natural”, quando, na verdade, muitas dessas tragédias podem ser previstas e amenizadas ou até evitadas, caso o poder público se proponha a fazê-lo.

Em síntese, a notícia acima se configura como um excelente exemplo do tratamento integrador que pode ser feito a partir de um determinado tema e de uma situação-problema verificada no território ou nas vivências dos sujeitos envolvidos na escola, desde que haja planejamento, diálogo e uma atitude político-pedagógica comprometida com a formação plena dos estudantes da EJA.

Ao propormos um ensino que esteja alinhado com as práticas sociais e as vivências culturais de nossos estudantes, queremos que professores e estudantes sejam capazes de ousar, de desenvolver ensino-aprendizagem por meio da pesquisa, da reflexão-ação, da sensibilidade e da acuidade, com metodologias diversificadas que traduzam a intencionalidade de uma formação integral e emancipadora, que reconectem esses sujeitos à escola e ao prazer de aprender, que transforme suas descontinuidades na trajetória escolar em caminhos para a redescoberta dos seus sonhos, para a atuação social plena e para todas as possibilidades de ser e estar no mundo.

Neste sentido, as leituras, reflexões e atividades propostas nos Cadernos de Práticas e Vivências Integradoras devem expandir o que é trabalhado na sala de aula para além dos muros da escola, ampliando também a visão de mundo e novas possibilidades de atuação social dos nossos estudantes. Nos afastamos da ideia de um material prescritivo e desejamos que todas as propostas sejam vistas como sementes ou como ponto partida para ajudar a organizar a integração, fazendo multiplicar as boas ideias e práticas que certamente já se desenvolvem em nossas escolas.

## A CATEGORIA TERRITÓRIO

### Introdução

De acordo com o artigo apresentado por Abreu e Cury (2017), intitulado “Território: uma perspectiva interdisciplinar”, o estudo do território, em diálogo com Sposito (2004), pode ser abordado a partir de, pelo menos, três diferentes aspectos:

- a)** A naturalista, que julga o território como elemento da natureza, inerente ao povo ou à nação e, por isso, o povo deve lutar para conquistá-lo ou protegê-lo.
- b)** A cultural, em que o território é visto como espaço de interação do indivíduo onde seu limite de deslocamento orienta sua forma de apreensão da realidade. Aqui está presente muito mais o conceito de territorialidade do que o próprio de território.
- c)** A teoria em que espaço e território são a mesma coisa, abrangendo as interações humanas e de mercado, bem como o impacto à natureza e relações estabelecidas com ela.

De modo semelhante, o geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2004) aponta três vertentes para o estudo do território:

- a) Política:** Em que o enfoque é na relação espaço-poder, principalmente voltado ao poder do Estado sobre o território, que é um espaço delimitado e controlado;
- b) Cultural:** Prioriza o foco simbólico e subjetivo, no qual o território é visto como apropriação simbólica de um grupo específico; e
- c) Econômica:** Prioriza a dimensão espacial das relações econômicas, concebendo território como fonte de recursos. Fonte de recursos em vários sentidos, o que está totalmente relacionado à forma como as pessoas presentes nesse território se apropriam dos recursos presentes e transformam a natureza.

Assim, propomos que o trabalho integrado com os estudantes, a partir dessa categoria temática, busque considerar e estabelecer essas relações. Entre as possibilidades de desdobramento do trabalho integrado, abordando o Território, pode-se pensar: *A Cartografia Social dos Territórios e Territorialidades; A Identidade Cultural dos Territórios; O Exercício de cidadania nos territórios das precariedades e das desigualdades; As Atividades Econômicas desenvolvidas nos territórios como fontes de recurso e suas transformações no espaço*, entre outras possibilidades.

Reforçamos, por fim, que o trabalho com categoria Território, não pode ser disassociado de uma abordagem das questões de Raça e de Gênero, numa perspectiva de educação para a conscientização étnico-racial, antirracista e antissexista. O conceito de “racismo ambiental”, amplamente discutido nos últimos anos, evidencia que a questão racial e o racismo estrutural brasileiro perpassa com muitas marcas o uso dos espaços, o direito à terra e à propriedade e o conceito de territorialidade. Logo, é importante não negligenciar esse viés nas discussões em torno da categoria integradora *território*, que aqui iremos abordar aqui.

Para iniciar algumas reflexões que dialoguem com a categoria temática “Território”, aprofundando as propostas de atividades da Plataforma do Estudante, sugerimos alguns materiais e caminhos didáticos:

## CARTOGRAFIAS E TERRITÓRIOS

**Leia atentamente os textos a seguir e depois desenvolva as atividades propostas, de acordo com as orientações de seus professores.**

### Cartografias para pensar o Território e a Territorialidade

Você já ouviu falar em “Cartografia Social”? A atividade de Cartografia, ou seja, de elaborar e de estudar mapas é bastante antiga. Os mapas mais antigos de que se tem notícia são da antiga Mesopotâmia e já existiam há mais de 2.000 anos antes de Cristo. Atualmente, a cartografia se digitalizou e os mapas estão em nosso cotidiano, na palma da nossa mão e podem ser acessados e utilizados por meio de diversos aplicativos e recursos tecnológicos, como o Google Maps, o GPS, os aplicativos de transporte e viagem, entre outros.

Porém, a cartografia também evoluiu e ganhou outras funções. Hoje, ela não está mais relacionada exclusivamente aos mapas tradicionais. O termo “cartografia social”, por exemplo, surgiu no século passado, isto é, no século XX, nos Estados Unidos, e passou a ser bastante utilizado no Brasil a partir dos anos 1980, por um grupo de pesquisadores preocupados em preservar populações tradicionais da região amazônica que estavam perdendo seus espaços de vivência para a indústria de mineração. A fim de defender esses territórios, os pesquisadores precisavam comprovar para o Governo o quanto determinada área era importante para cada comunidade, revelando suas *territorialidades*. Outra palavra estranha, não é mesmo? A “territorialidade” tem relação com as vivências no território, com as atividades de trabalho e de lazer, com as transformações, com as construções, com os meios de sobrevivência e todo tipo de entrelaçamento com o território, ao longo do tempo, pelos diversos grupos sociais que o compõe (idosos, crianças, jovens, mulheres e homens, trabalhadores). A territorialidade comprova o quanto somos ligados aos espaços que ocupamos, seja na floresta, seja na cidade, na comunidade ou no bairro onde vivemos, onde está nossa casa e nossa família, onde convivemos com outras famílias, como nossos vizinhos.

Portanto, ao fazer uma cartografia social, busca-se mais do que fazer um simples mapeamento físico ou geográfico, busca-se principalmente revelar tais relações, atividades, vivências e transformações. Por isso, atualmente costumamos ouvir variações do termo, como “cartografia afetiva”, “cartografia do trabalho”, “cartografia comunitária” e por aí vai.

*É você, se tivesse que fazer um trabalho cartográfico do seu território, o que você gostaria de representar? Por qual motivo? Com que objetivo? Que tal fazer uma “cartografia da memória”? Procure se lembrar daqueles elementos do seu território que, para você, são os mais representativos, os mais marcantes, seja no bairro, seja na comunidade onde você mora, onde estuda ou mesmo onde trabalha.*

Vejamos dois exemplos criativos que podem ser pensados como “cartografias afetivas” ou “cartografia do sensível”, porque retratam de alguma maneira a relação dos sujeitos com os

espaços. Ainda que não se identifique uma finalidade política, a cartografia afetiva/sensível tem uma importância cultural muito forte e, ao mesmo tempo, desperta para a sensibilidade e para a humanização, uma vez que nos faz enxergar a riqueza e a beleza, mesmo em lugares normalmente esquecidos e abandonados pelo poder público e pelos interesses comerciais.



Capa do livro “[in]porta:nte”, de Aline Prúcoli.



[in]porta:nte é fruto de uma experiência com foto/grafias da rua, isto é, com a voz de veios urbanos. Trata-se de um álbum de imagens que falam e de textos que mostram: uma experiência espacial com a linguagem. Todas as portas da obra existem em alguma rua do Centro de Vitória. A autora tentou captar, como flaneuse intuitiva, o que as portas que compõem este álbum estavam a lhe dizer sobre os endereços que guardam com pouco ou muito cuidado. Considerando a realidade estatística do Centro de Vitória, os textos entregam um olhar subjetivo sobre violência, intolerância, desonestidade e dor. Mas também falam sobre memórias, infância, fins, recomeços, morte, vida, Amor.

Disponível em: <https://www.editoracousa.com.br/produtos/inportante/>

Selecionamos, a seguir, quatro páginas do livro apresentado anteriormente: três com fotografias de portas e portões e uma com um poema, escrito na parte de trás de uma das fotografias. Percebe-se que as imagens capturadas não mostram um tipo de beleza instagramável, ou seja, comumente exibida pela mídia ou pelas redes sociais como desejo de consumo ou de ostentação.

#### **Propomos o seguinte exercício de escrita criativa:**

**a)** Escolha uma das imagens abaixo, olhe-a atentamente, procure detalhes imperceptíveis, procure ver o que chamou a atenção da escritora-fotógrafa, procure sentir algo por meio dessa imagem.

**b)** Anote em seu caderno o que você viu ao fazer esse exercício de olhar atento e o que sentiu ao perceber os detalhes da imagem. A ideia é que você fale de um detalhe. Não é necessário descrever a fotografia como um todo. Fale apenas do que mais lhe chamou atenção.

ñ há porta d entrada mas  
há l dentro  
& o infinito sabe morar



Aline Prúcoli. "[in]porta:nte", 2023.

**c)** Por fim, faça o exercício do olhar atento na sua cidade, no seu bairro, nos seus trajetos diários. Procure enxergar beleza onde aparentemente não há. Encontre uma paisagem, um detalhe, algo que normalmente passaria despercebido. Se tiver uma câmera para registrar, faça isso. Se não, apenas registre com seu olhar e depois escreva sobre esse elemento que capturou sua atenção. Descreva-o com o máximo de detalhes, mas lembre-se de descrever também o seu sentimento em relação a esses detalhes: o que você sentiu, o que imaginou, o que desejou.

**Uma dica:** No exercício da escrita criativa não há certo ou errado. Aliás, o único erro é não criar!



## ORIENTAÇÕES

*Professor(a), a obra “[in]porta:nte” foi publicada por meio de financiamento público da Secretaria de Estado da Cultura-Secult. Por conta disso, é possível que a biblioteca da sua escola tenha recebido algum exemplar. Trata-se de um livro-envelope, com diversos cartões. Caso esteja disponível em sua biblioteca, seria interessante levar para a sala de aula e distribuir os cartões entre os estudantes, para que eles possam fazer a leitura das diversas fotografias e seus respectivos textos. Após o exercício proposto, convide-os a expor o que sentiram nessa experiência, o que acharam desse formato de publicação, se tinham visto algum outro livro assim, se sentiram que poderiam criar algo semelhante, a partir do exercício, mostrando a beleza/estranheza de seus territórios.*

### Leia, ouça e cante a letra da música de Cesar Mc, em parceria com Vk Mac e MC Cabelinho:



#### Eu Sou Favela

Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo  
E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar  
É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela  
É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela  
Oh, oh  
Oh, becos e vielas ainda gritam paz  
Yeah, yeah, yeah...

[Cesar MC]

Ah, foi no alto do morro, a vista lá de cima vale ouro  
Ouro, nosso lugar, nosso tesouro  
Ouro brilha e pode até ser valioso  
Mas não brilha tanto quanto o sorriso do nosso povo  
Ei, se a favela vive, eu já não morro  
Ahn, nosso lugar, nosso tesouro  
Ahn, pode pá que o bonde tá enjoado  
É só cabelo disfarçado e o bigode do zorro  
É a pipa, o cerol, é lazer, futebol  
Os menor correndo na pracinha  
No alto do morro, no topo do mundo  
São sonhos e sonhos em meio às casinha  
Lá no alto do morro, até vi uma princesa  
Que muito em breve vai ser minha rainha  
Daí entendi que dane-se a riqueza  
Se a felicidade já for minha vizinha  
Nós segue aprendendo com os tapas da vida  
Naquele pique, Negão da BL  
Redefinindo com rima e batida  
O que um dia disseram da cor da minha pele  
Essa desigualdade que tanto nos fere  
Nascemos no topo e nos querem no fundo  
Mas hoje o menor filho da Rosimere

Vem gritar: Do Morro do Quadro pro mundo  
É pela Dona Inês que acorda às seis  
Pelo pão nosso que vem de cada dia  
Pelo Seu José que anda a pé  
Pra trabalhar naquela portaria  
E é pelo João que escolheu dizer não  
Se o crime chamava e seduzia  
Por cada MC que não quis desistir  
Quando tudo era frio em uma praça vazia

[Vk Mac]

Foi no alto do morro  
Lá onde a dificuldade não tira o sorriso do rosto, yeah, ah, ah  
Por cada degrau dessa escada, mais um que se foi por nada  
Meus pés no chão mesmo tão perto do céu  
Por isso eu não paro por nada e te peço

Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo  
E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar  
É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela  
É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela  
Oh, oh  
Oh, becos e vielas ainda gritam paz  
Yeah, yeah, yeah

[MC Cabelinho]

(Oh, fé)  
Quantos amigo nós perdeu pro crime?  
Várias história repetida  
Menor de 13, 14, 15 ano  
Tão novo perdendo sua vida  
Ó Deus (ó Deus)  
Quero que eles entenda que o crime é ilusão (ilusão)  
O foda é quando infelizmente alguns só tiveram essa opção  
E cresceu sem mãe, não teve pai  
Tá na vida errada, o cão pra trás, ah  
Antes de você querer julgar (julgar)  
Peço que tu pare pra pensar (pensar)  
Só garoto novo (garoto novo), cria do morro (cria do morro)  
Que vem vários anos passando sufoco  
E as criança da minha favela (minha favela)  
É a esperança que habita em mim (que habita em mim)  
Quero poder dar uma chance pra elas  
Senão cê sabe qual será o fim (fé em Deus!)

[VK MAC]

Ó Deus, abençoe esse povo que mora no topo do mundo  
E toda família que acorda bem cedo e desce para trabalhar  
É que eu moro no alto do morro, é que eu sou favela  
É que eu moro no topo do morro, é que eu sou favela  
Oh, oh  
Oh, becos e vielas ainda gritam paz  
Yeah, yeah, yeah

[MC Cabelinho]

Fé, fé

Composição: César Mc / Mc Cabelinho / Vk Mac, 2020.

Disponível em <https://www.letras.mus.br/cesar-mc/eu-sou-favela-part-vk-mac-e-mc-cabelinho/>



## ORIENTAÇÕES

Professor(a), essa atividade pode ser enriquecida com a exibição do clipe da música, disponível no youtube, mas é muito importante chamar atenção para a letra, de preferência antes de ver o clipe. Propomos aproveitar para fazer uma leitura coletiva, permitindo que os estudantes expressem sua identificação e suas emoções com os versos e as frases, as gírias, as marcas de oralidade e a variedade linguística própria do grupo, da classe social, da faixa etária. Evite propor correções sobre a letra. Mostre como, mesmo sem seguir a norma culta, os rappers foram capazes de retratar uma realidade e despertar emoções no leitor/ouvinte e aproveite para trabalhar as variedades não-padrão da língua. Chame a atenção para a realidade retratada, deixe que eles percebam como a letra apresenta o lugar, as pessoas, a dureza da criminalidade e os riscos que crianças e adolescentes correm nesse lugar, mas também a forma orgulhosa com que o eu-lírico fala dos amigos, vizinhos, dos homens e mulheres trabalhadores, valorizando sobretudo o esforço de cada um por uma vida digna e mais justa.

### Orientações para criar um mural:

**Mural físico:** Distribua cartões coloridos ou post-its e peça que cada estudante escolha um verso da letra que mais tenha gostado para escrever no papel. Em seguida, cole-os em um mural ou em uma cartolina e deixe exposto na sala ou em outro ambiente da escola.

**Mural virtual:** Caso queiram e tenham habilidade, os estudantes também podem fazer uma publicação no Padlet ou criar um card estilizado no Canva para postar em suas redes sociais, incluindo ilustrações ou fotografias.

Sugerimos, ainda, um diálogo entre o rap “Eu sou favela”, de César Mc, e a canção “Meu Guri” de Chico Buarque de Holanda. Nessa outra canção, além da abordagem do território, é possível dar enfoque à tensão que há entre a inocência infantil e a perda da infância ou da inocência, por conta da voragem das desigualdades sociais e da violência urbana. Pode-se trazer também a invisibilidade da mulher, a condição de pobreza e a ignorância em relação à condição de seu filho envolvido na criminalidade, bem como sua própria condição de vulnerabilidade diante da opressão social. O vídeo a seguir traz uma possível leitura da letra de Chico Buarque, mas você pode trazer outras abordagens junto aos estudantes: <https://youtu.be/v84qgMBcfMw?feature=shared>



## BECOS DA MEMÓRIA

Vó Rita dormia embolada com ela.

Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós.

Talvez, ela só pudesse contar com o amor de Vó Rita, pois de nossa parte, ela só contava com o nosso medo, com o nosso pavor.

Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira, entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de maior sol. Para mim, para muitos de nós, crianças e adultos, ela era um mistério, menos para Vó Rita. Vó Rita era a única que a conhecia toda. Vó Rita dormia embolada com ela. Nunca consegui ver plenamente o rosto dela. Às vezes, adivinhava a metade de sua face. Ficava na espreita, colocava a lata na fila da água ou punha a borracha na tina e permanecia quieta, como quem não quisesse nada. Ela aparecia para olhar o mundo. Ver as pessoas, escutar as vozes. E eu, de olhos abertos, pulava em cima (só os meus olhos).

Eu não atinava com o porquê da necessidade, do querer dela em ver o mundo ali à sua volta. Tudo era tão sem graça. Grandes mundos!... Uma bitaquinha que vendia pão, cigarro, cachaça e pedaços de rapadura. A bitaquinha era do filho dela. Ninguém gostava de comprar nada ali, o movimento era raro. Vendia também sabão, água sanitária e anil. E, fora a cachaça, estes eram os produtos que mais saíam.

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da favela havia a “torneira de baixo”. Tinha, ainda, o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido.

Quando eu estava para brincadeira, preferia a “torneira de baixo”. Era mais perto de casa. Lá estavam sempre a criança amiga, os pés de amora, o botequim da Cema, em que eu ganhava sempre restos de doces. Quando eu estava para o sofrer, para o mistério, buscava a “torneira de cima”.

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. Nem entendia e nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando.

Naquela época, eu menina, minha curiosidade ardia diante de tudo. A curiosidade de ver todo o corpo dela, de olhá-la todinha. Eu queria poder vasculhar com os olhos a sua imagem, mas ela percebia e fugia sempre. Será que ela, algum dia, conseguiu ver o mundo circundante, ali bem escondidinha por trás do portão? Talvez como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!

Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Misérraveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!

Havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita. Quando eu soube, outro dia, já grande, já depois de tanto tempo, que Vó Rita dormia embolada com ela, foi que me voltou este desejo dolorido de escrever.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstu-

ma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padim.

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.

Becos da Memória, 2017, p. 15-17

### Questões para refletir sobre o texto e sobre o ambiente que ele retrata:

- 1) Neste trecho que você leu, a narradora menciona vários nomes, muitos deles são de familiares, parentes ou vizinhos dos quais ela se recorda. Há um nome, porém, que não é mencionado e a narradora se refere a essa pessoa apenas como “ela”. Levante hipóteses: a) Quem seria essa pessoa misteriosa? b) Por que ela parecia ter medo e evitava ser vista? c) Por que “Vó Rita” é a única que parecia capaz de lhe dar amor?
- 2) As características da casa e do beco onde Vó Rita morava demonstram que tipo de condição social? Pelo que se descreve no texto, que tipos de atividade as mulheres desse lugar desempenhavam como forma de trabalho e de subsistência?
- 3) Como as crianças participavam do trabalho e ajudavam nas atividades domésticas?
- 4) Que tipo de atividade de lazer/diversão é mencionada no texto? Como era o lugar onde acontecia essa atividade?
- 5) Por que as recordações da narradora lhe trazem tristeza e lhe fazem chorar?



### ORIENTAÇÕES

*Professor(a), busque explicar o sentido das palavras que sejam desconhecidas ou que causem estranhamento nos estudantes. Você pode orientar a inferência do significado a partir do contexto em que a palavra foi empregada ou pode orientar a consulta a um dicionário online ou físico.*



### ORIENTAÇÕES

*Professor(a), é possível mediar a leitura desse texto em sala de aula, buscar o significado de palavras e expressões que os estudantes não compreendam, estabelecer comparações com a letra da música de César Mc e observar como as descrições apresentadas pela narradora revelam uma espécie de cartografia social de um lugar, de uma época e de um grupo social, revelando ainda atividades laborais que eram comuns e hoje não existem mais (como a de lavadeira). Nesse tempo, as máquinas de lavar roupa eram itens raros, então as mulheres - em sua maioria negras - costumavam levar para casa a roupa dos patrões, para lavar, secar e passar. Essa atividade envolvia muitas vezes as crianças, que ajudavam suas mães carregando água e até mesmo lavando algumas peças de roupa. Além disso, havia aqueles e aquelas que praticavam atividades de contravenção, como os “malandros” e as prostitutas. Tudo isso é revelado explícita ou implicitamente no texto, além das condições de moradia, de infraestrutura, de saneamento básico (não existia água encanada nem tratamento de esgoto, as moradias eram precárias, barracos à beira de barrancos), o que, em algumas localidades, ainda se assemelha muito ao que é descrito no texto.*



## **SOBRE O ROMANCE “BECOS DA MEMÓRIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO:**

*Becos da memória* é um dos mais importantes romances memorialistas da literatura contemporânea brasileira. Conceição Evaristo traduz, a partir de seus muitos personagens, a complexidade humana e os sentimentos profundos dos que enfrentam cotidianamente o desamparo, o preconceito, a fome e a miséria; dos que a cada dia têm a vida por um fio. Sem perder o lirismo e a delicadeza, a autora discute, como poucos, questões profundas da sociedade brasileira.

Disponível em: [livrariamegafauna.com.br/produto/becos-da-memoria/](http://livrariamegafauna.com.br/produto/becos-da-memoria/)

**Quer continuar lendo para tentar descobrir quem é a pessoa misteriosa que vivia na casa de “Vó Rita”? Acesse o QR code ou clique no link e faça o cadastro para ler gratuitamente essa e outras histórias.**



<https://bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br/pesquisa/mobile/index.xhtml>



## **ORIENTAÇÕES**

*Professor(a), estimule os estudantes a continuarem a leitura do romance. Pelo QR Code ao lado é possível acessar o acervo digital da Biblioteca Municipal de São Paulo, onde essa e outras obras literárias estão disponíveis gratuitamente. Caso haja tempo viável, acesse e faça junto com eles o cadastro.*

## TERRITÓRIOS E IDENTIDADES

Ao desenvolverem relações com o trabalho e com o território, os seres humanos produzem não apenas materiais e recursos para sua sobrevivência, mas desenvolvem também valores que provêm da convivência com o outro, formas de se comunicar e se expressar, não apenas por meio do idioma, mas por meio de símbolos, de expressões corporais, e artísticas, formas de se divertir, de se alimentar, de se vestir, de construir, entre outras tantas manifestações. Ao fazer tudo isso, os seres humanos desenvolvem aquilo que chamamos de cultura. Embora essa palavra seja comumente atrelada a manifestações típicas tradicionais e artísticas, a ideia de cultura é bastante abrangente e engloba um conjunto de elementos capazes de conformar um agrupamento de indivíduos que, por meio da identificação com esses valores e manifestações, acabam criando uma identidade que tanto pode ser coletiva, quanto pode ser individual. A identidade de uma pessoa, de um grupo de pessoas (uma sociedade) ou de um território pode ser observada em suas manifestações religiosas, na linguagem, nas atividades laborais, nas atividades de lazer, na forma de interagir com as diversidades presentes nos aspectos geracionais (diferentes idades e etapas da vida), étnico-raciais, sexuais e de gênero, entre muitos outros.

Há traços da identidade cultural que são mais tradicionais, ou seja, permanecem por mais tempo entre diferentes gerações e há outros que surgem e desaparecem ou se modificam mais rapidamente. Diversos teóricos e pesquisadores se dedicaram e ainda se dedicam a estudar os fenômenos culturais e sua relação com a identidade dos sujeitos. Sobretudo a partir do século XX, com o fenômeno da globalização, diferentes estudiosos passaram a observar mudanças mais aceleradas e profundas nas relações humanas, resultando também em mudanças na formação da identidade cultural.

Para entendermos melhor esse assunto, vamos debater sobre duas imagens inspiradas em publicações que circulam atualmente em algumas redes sociais:

IMAGEM 1



Fonte: Criação da Equipe Sedu/Geeja

IMAGEM 2



Fonte: Criação da Equipe Sedu/Geeja

Ao analisarmos os dois memes acima, logo percebemos que o humor é explorado a partir dos padrões da moda para o vestuário masculino. Embora se trate de uma brincadeira, é possível fazer uma discussão mais séria, problematizando como uma necessidade - a de se vestir para se proteger das intempéries climáticas ou mesmo de perigos do ambiente - evoluiu a ponto de se criar um mercado - o da moda - que busca influenciar e até ditar padrões sobre o que é certo ou errado, bonito ou feio, aceitável ou inaceitável na hora de se vestir.

Discuta com seus professores e colegas sobre esses dois memes e sobre outras questões que estão implícitas ou que podem ser levantadas a partir das imagens.

### Questões orientadoras para a discussão:

- 1)** Você conhece o personagem Agostinho Carrara, da série televisiva “A grande família”, cuja imagem aparece no primeiro meme? Analisando seu modo de se vestir, você acha que ele obedece a algum padrão de moda?
- 2)** A imagem cria humor a partir da ironia, ao inverter os conceitos de certo/errado, muito utilizados em dicas de moda e vestuário. Discuta sobre a inversão de opinião presente na imagem 1.
- 3)** Na imagem 2, é feita uma comparação entre diferentes estilos de vestimenta, um mais tradicional e outro mais despojado. Na comparação, podemos notar que o criador desse conteúdo tem preferência por um desses estilos. Que estilo ele/ela prefere?
- 4)** Considerando o contexto em que você vive, o clima do lugar, as atividades cotidianas que você exerce, os lugares onde costuma ir, há algum tipo de vestimenta que você considere mais ou menos adequado?
- 5)** Como é o modo de se vestir das pessoas com quem você convive na escola, no trabalho, na vizinhança? Você e as pessoas que conhece seguem alguma influência de moda, têm preferência por algum estilo?
- 6)** Você acha que a forma de se vestir muda com o tempo? Como você percebe essa mudança? Sua vestimenta reflete alguma identidade cultural, busca transmitir uma imagem ou apenas corresponde à necessidade básica de cobrir e proteger seu corpo?



## ORIENTAÇÕES

*Professor(a), é interessante mediar esse diálogo, estimular os estudantes a responderem e se posicionarem em cada questão. As duas imagens são criações inspiradas em memes que circulam em redes sociais e que provavelmente os estudantes já tenham visto. Esse exercício é uma boa forma de levá-los a refletir e enxergar com criticidade toda informação que recebe, mesmo estando em momentos de relaxamento, fazendo uma atividade aparentemente sem importância, como navegar pelas redes sociais, vendo e compartilhando memes.*

### **Orientações sobre as questões propostas:**

**1.** *Pode ser que alguns, por serem mais jovens, não conheçam a série “A grande família” nem o personagem Agostinho Carrara, interpretado pelo ator Pedro Cardoso. Porém, isso não será um impedimento para que analisem a imagem e vejam que Agostinho se veste sem respeitar combinações, sem observar o tamanho adequado e misturando estampas que em tese não são harmônicas.*

**2.** *A ironia contida na imagem 1 ocorre pela inversão dos termos certo/errado, já que os padrões da moda indicariam como “certo” o estilo do rapaz de terno e gravata, que está mais bem vestido, usando uma roupa de alto custo e socialmente validada, enquanto Agostinho, com seu estilo fora de padrão, estaria “errado”.*

**3.** *Na imagem 2, nota-se que, ao estabelecer uma comparação entre um modo de se vestir mais tradicional/conservador e outro mais despojado/moderno, o enunciador emite um juízo de valor em que o estilo tradicional é visto como melhor e mais bonito que o estilo moderno.*

*Nos pontos 4, 5 e 6, espera-se que os estudantes expressem a forma como se relacionam com esse elemento que é a vestimenta, como ele e os outros com quem convive se vestem em diferentes ocasiões e ambientes, como definem seu próprio estilo, como o modo de vestir muda ao longo do tempo - o que pode ser percebido em fotografias, vídeos, novelas e filmes de época - e, principalmente, que eles consigam concluir que há uma relação forte entre a moda e a identidade cultural de um grupo, uma comunidade ou um território como um todo, já que muitas vezes a roupa também é uma forma de expressão, de identificação e, às vezes, até de estigma, quando determinado estilo é associado a algo inferior/ruim - o que ocorre muito com estilos urbanos como o streetwear e a moda funk.*

## VALORIZAR O QUE É NOSSO

Nas discussões atuais sobre o conceito de “identidade cultural” muito se questiona sobre a existência e a preservação de uma **identidade nacional**. No Brasil, por exemplo, embora estejamos unidos pela mesma língua (Língua Portuguesa), por traços étnicos provenientes dos povos indígenas, africanos e europeus e pelo fator político-econômico - mesmas leis, mesmo sistema eleitoral, mesma moeda, somos um país extremamente diverso, composto por regiões, estados e cidades muito diferentes entre si, o que nos traz não uma, mas muitas identidades culturais. Se há algo que nos define enquanto cultura, é exatamente a **diversidade**. Além disso, discute-se muito atualmente sobre a enorme influência do **mundo digital**, da **indústria cultural** e dos processos de **globalização** em nossa identidade cultural.

Uma forma de tentar resgatar certos traços culturais que nos mantêm unidos a um grupo, por meio de uma identidade comum, é conhecendo e valorizando os aspectos locais, aqueles que estão mais próximos de nós no espaço físico e na memória. Daí a importância de conversarmos com os mais velhos, ouvirmos suas histórias, suas canções, mantermos vivos os encontros comunitários e familiares, as receitas culinárias e relatos de família, o hábito de ver fotografias, resgatar objetos antigos, visitar museus, valorizar nossos artistas, poetas, cantores, pintores, entre muitos outros elementos.



### ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

Que tal buscar no seu espaço de vivências - no seu bairro, comunidade ou município - artistas e ativistas culturais, elementos culturais, monumentos históricos, manifestações e/ou grupos tradicionais, movimentos coletivos, pessoas que atuam ou atuaram em alguma mobilização? Siga as orientações a seguir:

- Faça em sua comunidade um levantamento ou uma entrevista, a fim de reunir relatos, fotografias, filmagem ou gravação. Caso sua pesquisa envolva uma pessoa, lembre-se de pedir autorização antes de filmar, gravar e fotografar. Explique antecipadamente que se trata de uma atividade escolar. Se essa pessoa puder ir à escola, em um dia pré-agendado junto ao professor e à equipe gestora, será ainda mais rico!
- Não sabe por onde começar? Comece no local onde você mora.

Mesmo que não encontre alguém ou algo conhecido no estado inteiro, sua pesquisa ainda será importante. Basta que seja alguém relevante para a comunidade ou para o município. Esse é o movimento ideal!

- Mas se você tiver alguma dificuldade e não conseguir encontrar nada nem ninguém, você ainda poderá visitar o Mapa Cultural do ES. Certamente você irá encontrar muitas riquezas da nossa cultura para apresentar aos colegas.



<https://mapa.cultura.es.gov.br/>



## TERRITÓRIO E CIDADANIA

### Por que é importante falarmos em cidadania?

Por Stephanie Espindola

O conceito de **cidadania** é uma ideia dinâmica que se renova constantemente diante das transformações sociais, dos contextos históricos e principalmente diante das mudanças de paradigmas ideológicos. A cidadania conhecida na antiguidade clássica não é a mesma cidadania pela qual lutamos hoje nem a que aspiramos concretizar nas gerações futuras.

As ideias iluministas foram muito importantes para o desenvolvimento do que hoje entendemos por cidadania. Os filósofos iluministas, sobretudo **John Locke**, **Voltaire** e **Jean-Jacques Rousseau**, formularam as bases para a percepção moderna da relação entre Estado e indivíduos, ao conceber o ser humano como um indivíduo dotado de razão e de direitos intrínsecos à natureza (“direitos naturais”), como o direito à vida, à liberdade e à propriedade. Desta forma, abriu-se espaço para o nascimento do **Estado de Direito**.

A base para a concepção de cidadania é a noção de Direito. E a história do desenvolvimento da cidadania está relacionada à conquista de quatro tipos de direitos: os *direitos civis*, *políticos*, *sociais* e *humanos*.

Há muito tempo a cidadania deixou de ser simplesmente o direito de votar e ser votado e assumiu a luta pela educação de qualidade, saúde, informação, poder de participação na vida pública, igualdade de oportunidades etc. Desta forma, a história da cidadania foi por muitas vezes perpassada pela história das lutas pelos direitos humanos.

### Mas afinal, o que é ser cidadão?

Ser cidadão é compor-se a uma sociedade. O homem é um ser essencialmente social que se encontra inserido em um conjunto de redes sociais mais amplas (família, amigos, vizinhos, etc.) na qual adquire sua identidade enquanto ser humano e os meios fundamentais para a sua sobrevivência.

Ser cidadão é ter consciência de que é um sujeito de direitos. Direitos à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade, enfim, direitos civis, políticos e sociais. Entretanto, cidadania pressupõe também deveres. O cidadão tem que ser consciente das suas responsabilidades enquanto parte integrante de um grande e complexo organismo que é a coletividade e, para que alcancemos o bom funcionamento, todos têm que dar sua parcela de contribuição. Somente assim se chega ao objetivo final, coletivo: a justiça em seu sentido mais amplo, ou seja, o bem comum.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá a pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo do seu povo. Quem não tem esse direito está à margem ou excluído da vida social e da tomada de decisões.

### E hoje, a quantas anda nossa cidadania?

No Brasil o conceito de cidadania também passou por um processo evolutivo, sendo a cidadania plena um objetivo a ser alcançado.

Desde a **abolição da escravatura**, da **conquista do voto feminino**, passando pelo período de **redemocratização do país**, do movimento das **“diretas já”**, do **impeachment do Collor** até a efetivação paulatina de direitos sociais, temos conquistado espaços de maior presença dos cidadãos na condução do destino de nosso país.

A **Constituição da República de 1988** foi, sem dúvida, um dos marcos deste avanço. Apelidada de **Constituição Cidadã**, foi a partir de 1988 que novos instrumentos foram colocados à disposição daqueles que lutam por um país cidadão, como por exemplo, o sufrágio universal, o voto direto e secreto, além do surgimento de estatutos como o **Estatuto da Criança e do Adolescente**, **Estatuto do Idoso**, etc.

Mas ainda assim a cidadania é uma conquista diária. Não há como compreendermos o conceito de cidadania sem considerarmos seus vários aspectos e relacionarmos a com os direitos humanos, com a democracia e com a ética.

Cidadania implica vivermos em sociedade, na construção de relações, na mudança de mentalidade, na consciência e reivindicação dos direitos, mas também no cumprimento dos deveres. Isto não se aprende com teorias, mas na luta diária, nos exemplos e principalmente com a educação de qualidade, grande propulsora para que o indivíduo possa desenvolver suas potencialidades e tomar consciência de seu papel social que pode e deve fazer a diferença na construção de uma sociedade mais justa, livre e solidária.

Disponível em: [politize.com.br/por-que-e-importante-cidadania/](http://politize.com.br/por-que-e-importante-cidadania/)

**Após ler o texto, discuta com seus colegas sobre o conceito de “cidadania”, buscando retomar as três questões que orientam a leitura. Procure aproximar a leitura das suas vivências reais. Busque responder, ainda:**

- 1) Você sabe o que caracteriza e como se diferenciam os direitos políticos, civis, sociais e humanos?
- 2) Você sente que exerce plenamente a sua cidadania?
- 3) Que ações você pode adotar no dia-dia para exercer melhor o seu papel cidadão?

**Propomos a leitura e a reflexão sobre os textos a seguir:**

### **O que são equipamentos públicos (urbanos e comunitários)?**

São equipamentos públicos urbanos as instalações e espaços de infraestrutura urbana destinados aos serviços públicos de abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de águas pluviais, disposição e tratamento dos resíduos sólidos, transporte público, energia elétrica, rede telefônica, gás canalizado, etc.

São equipamentos públicos comunitários as instalações e espaços de infraestrutura urbana destinados



## **ORIENTAÇÕES**

*Professor(a), é interessante mediar esse diálogo, para a melhor compreensão do texto e do conceito de cidadania. Auxilie-os na diferenciação entre os diferentes tipos de direitos, em que “direitos políticos” se referem à possibilidade de se candidatar e/ou votar para cargos políticos, bem como para alterar a legislação do país; “direitos sociais” são aqueles que se referem à sobrevivência digna, com acesso a serviços e bens como educação, saúde, alimentação, moradia, trabalho, lazer, entre tantos outros; “direitos civis” dizem respeito à liberdade individual, ao ir e vir, à propriedade, à firmar contratos etc.; e, por fim, direitos humanos são aqueles imprescindíveis e inerentes à dignidade de toda e qualquer pessoa humana, como o direito a ter uma pátria, a professar uma religião ou nenhuma, a vivenciar sua cultura, independente de classe, gênero, raça/etnia, nacionalidade. Tais direitos se diferenciam, mas se complementam, a fim de garantir a humanização de todas as pessoas. É importante que eles reflitam com seriedade e sinceridade sobre o modo como vivem em sociedade e como atuam na defesa do bem individual e comum, a fim de concluir se exercem ou não uma cidadania plena e em que aspectos esse exercício pode ser potencializado, em ações práticas do dia-dia, pensando sobretudo a relação com o território e com a comunidade. Neste exercício não é preciso fazer um grande aprofundamento, já que no caderno que trata da categoria Desigualdades esse tema será retomado.*



aos serviços públicos de educação, saúde, cultura, assistência social, esportes, lazer, segurança pública, abastecimento, serviços funerários e congêneres.

*Disponível em: gov.br. Publicado em 21/03/2023 15h47*

### **Equipamentos urbanos e equipamentos comunitários**

“Zona de assentamento urbano” é o nome “técnico” dado às áreas reconhecidas como “zonas fundiárias” por apresentarem as estruturas necessárias para formar uma Cidade, seja ela uma grande ou uma pequena cidade.

A ciência urbanística caracteriza a cidade por suas construções, edificações e estruturas, as quais são criadas para atender a vida prática de seus habitantes. Essas estruturas físicas também recebem nomes técnicos e diferentes classificações, de acordo com sua natureza e utilidade:

**Unidades Edilícias:** são as edificações onde as pessoas vivem e/ou trabalham e convivem em família. Podem ser horizontais, como as casas ou verticais, como os edifícios com diversos andares. Também podem fazer parte de condomínios ou conjuntos habitacionais que abrigam, além das unidades particulares, áreas compartilhadas por todos que vivem ali.



Casas e condomínios populares são exemplos de unidades edilícias.

**Equipamentos Públicos:** são as obras criadas para atender as necessidades das unidades edilícias, ou seja, são destinadas à satisfação de certas necessidades que os habitantes não podem prover por sua própria conta, como as estradas, ruas, praças, jardins, canalizações de cursos d'água, prédios escolares, hospitais, unidades de saúde, equipamentos de transportes coletivos, edifícios de serviços públicos, equipamentos esportivos e de lazer, entre outros.



Unidades Básicas de Saúde, academias populares e praças são exemplos de equipamentos públicos.

Esses elementos podem ser chamados também de “equipamentos urbanos” e são eles que definem, em tese, as principais funções urbanas, a organização das diversas áreas da cidade, a localização, tipo e quantidade de áreas disponíveis. Para melhor caracterizá-los há, ainda, outro tipo de classificação desses equipamentos:

**Equipamentos privados** - edificações residenciais, industriais e comerciais que pertencem a uma pessoa ou grupo privado;

**Equipamentos públicos (*stricto sensu*)** - edifícios da gestão pública, vias e praças públicas;

**Equipamentos de utilidade pública** - canalizações e redes de água, esgoto, telefone, eletricidade e iluminação pública;

**Equipamentos de logradouros públicos** - placas, numeração, abrigos, cabinas, muros, gradis, bancos, fontes, esculturas ornamentais, recipientes para detritos, caixas de correio, relógios, extintores, hidrantes, dispositivos de comunicação visual para publicidade e propaganda;

**Equipamentos sociais ou comunitários** - centros e locais de educação, saúde, lazer, esporte, religião e culto e promoção social.



Os Centros de Referência das Juventudes são exemplos de equipamentos sociais. No Espírito Santo, há 12 CRJs, em 10 municípios do estado.

O loteamento, o condomínio, o bairro ou a cidade onde as pessoas moram, isto é, os núcleos urbanos ou assentamentos urbanos, devem possuir o conjunto de equipamentos necessários para a prestação dos serviços sociais. Os assentamentos não podem ser constituídos apenas de unidades ou edificações particulares. O espaço urbano precisa dos equipamentos públicos que vão torná-lo viável do ponto de vista social, evitando-se o caos urbanístico, com lotes sem acesso público, vias sem sinalização e sem espaço para pedestres ou veículos, a ausência de energia, de água encanada ou de esgoto tratado nas residências, com valas a céu aberto, o que coloca em risco a saúde da população, com proliferação de pragas, inundações provocadas pelas chuvas, entre outros problemas.



Atualmente, mais da metade da população mundial vive em áreas urbanas. No Brasil, não é difícil encontrar cidades com diversas falhas urbanísticas e diversos problemas decorrentes da falta de equipamentos públicos adequados.

Em síntese, todo núcleo urbano deveria ser formado minimamente por unidades imobiliárias de domínio privado, por equipamentos de utilidade pública que garantam o abastecimento de água, a coleta e tratamento de esgoto, fornecimento de energia elétrica, iluminação pública e drenagem das águas pluviais e por equipamentos comunitários que garantam espaços para educação, cultura, saúde e lazer.

Disponível em:

[migalhas.com.br/depeso/407932/equipamentos-urbanos-e-equipamentos-comunitarios-na-regularizacao](http://migalhas.com.br/depeso/407932/equipamentos-urbanos-e-equipamentos-comunitarios-na-regularizacao)

(Texto adaptado).



### ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

O texto acima fala de maneira bastante técnica sobre a organização ideal de uma cidade planejada para funcionar e atender às necessidades de seus habitantes. Na prática, porém, sabemos que isso ocorre em pouquíssimos lugares. Sabendo disso, queremos que você olhe para seu território na condição de sujeito consciente e atuante, a partir da seguinte proposta:

**Após a leitura, com a orientação dos seus professores, faça dois movimentos:**

**1)** Faça um mapeamento dos equipamentos públicos (stricto sensu, de utilidade pública e de logradouros públicos) e dos equipamentos sociais/comunitários disponíveis em sua localidade (bairro ou região).

**a)** É mais proveitoso que a turma se divida, em duplas ou pequenos grupos, para que a pesquisa seja mais abrangente e contemple os diferentes tipos de equipamentos públicos;

**b)** Busque formas de organizar e apresentar sua pesquisa, utilizando fotografias, legendas, mapas digitais, recursos de apresentação em slides;

**c)** Cuide para que sua pesquisa mostre a real situação dos equipamentos identificados e, se possível, dialogue com as pessoas que fazem uso desses equipamentos, a fim de identificar a percepção da comunidade em geral.

**2)** Depois de fazer essa pesquisa e socializar com a turma, dialoguem sobre aqueles equipamentos que vocês e a comunidade em geral consideraram que se encontram em estado precário ou mesmo inexistentes.

**a)** Elaborem, em conjunto, um relatório apresentando o problema, ou seja, a falta ou a precariedade do equipamento público. Em seu relatório, argumente a importância desse equipamento para a comunidade e a necessidade de resolver essa demanda;

**b)** Dialogue com seus professores para saber quem é o gestor público (prefeitura ou governo estadual) responsável pela manutenção ou disponibilização daquele equipamento;

**c)** Identificado o responsável, busque o serviço de ouvidoria do município/estado para relatar a situação e protocolar uma solicitação para a resolução do problema, seja por meios digitais, seja presencialmente, elegendo um ou mais representantes da turma para tal ação;

**d)** Não se esqueçam de guardar o número do protocolo e acompanhar o andamento da ação.



## ORIENTAÇÕES

*Professor(a), o objetivo desta atividade é realmente motivar a atuação dos estudantes, enquanto sujeitos detentores de direitos e deveres. A pesquisa no território deve servir para verificar a disponibilidade e as condições dos mais diversos “equipamentos públicos”, segundo conceituado e diferenciado no texto proposto. Assim, é importante que os estudantes se organizem de forma estratégica para abranger o máximo possível de equipamentos e serviços, como por exemplo, as vias públicas, os logradouros e suas placas e sinalizações, praças, jardins, quadras, academias populares e espaços para lazer e socialização, unidades básicas de saúde, escolas, creches, serviços de saneamento básico, coleta de lixo, iluminação pública, módulos de segurança integrada e por aí vai.*

*Diante das constatações, eles devem ser estimulados a elaborar relatórios com a finalidade de construir material para reivindicar melhorias, elaborando cartas abertas e/ou cartas de reclamação e, ainda, buscando a ouvidoria pública ou os conselhos comunitários, a fim de registrarem suas constatações e buscarem resultados por meio de ações reais. Isso faz com que as discussões feitas em sala e os textos elaborados se reflitam na vivência prática e ganhem sentido para além de uma tarefa limitada ao âmbito escolar.*

## UMA COSMOVISÃO PARA SE RELACIONAR COM O ESPAÇO USADO

Será que todas as pessoas vivem da mesma forma que vivemos, em grandes ou pequenas cidades, em tese organizadas e administradas pelo poder público? Você conhece outras formas de organização social e territorial, tais como comunidades indígenas, quilombolas e campesinas?

**Propomos os textos a seguir para conhecer e discutir a respeito de outra forma de perceber as cidades e se relacionar com o território:**

### Cidades e Cosmofobias

*Antônio Bispo dos Santos*

Quando, aos dezoito anos, saí para conhecer uma cidade, percebi que existia outro mundo para além daquele onde nasci e me criei. A cidade era outro mundo. Nas cidades, as pessoas não sabiam fazer suas próprias casas, como sabíamos fazer no lugar de onde viemos. Não sabiam e ficavam dependendo de outros que as fizessem por elas. Onde nasci e fui criado, todo mundo tinha casa. Só não tinha casa quem não queria e morava com os pais, com os parentes ou com os amigos. Ou quem andava perambulando, quem achava por bem não ter casa porque era muito trabalhoso cuidar. Mas na cidade não era assim. As pessoas dependiam de casas que não sabiam fazer. Onde nasci e fui criado, desde criança, íamos observando, achávamos um lugar bonito, criávamos uma relação, uma comunicação com o lugar. E marcávamos: “Vou fazer a minha casa aqui”. Eu não precisava pagar para fazer a minha casa. Pelo contrário, no dia de fazer a casa, havia um grande mutirão, vinha todo mundo! Era uma festa, e fazíamos uma casa muito rapidamente.



Membros de uma das comunidades quilombolas do Território Sapê do Norte, localizado na região norte do Espírito Santo. Foto reprodução: Assessoria de Comunicação da Secult

Quando cheguei à cidade, percebi que era preciso pagar para fazer a casa, pagar pelo terreno, pagar por tudo [...].

Fiquei na cidade grande por cerca de cinco anos, até chegar o momento em que compreendi que ali não era o meu lugar. Não consegui viver na cidade grande e retornei à roça, para viver nas comunidades onde estou até hoje. A cidade não me cabe. Enquanto a sociedade é feita por posseiros, as nossas comunidades são feitas por pessoas. Na cidade, as pessoas tinham medo de gente. Nas comunidades, ninguém tinha medo de gente, vivíamos tranquilos. Nas comunidades, não acontecia roubo ou assaltos. Se uma pessoa passava na minha roça e pegava um fruto para comer, eu ficava feliz, era motivo de reconhecimento, como se eu tivesse recebido um troféu.



Construção de uma casa de taipa no quilombo de Vargem Grande, no Rio de Janeiro.  
Foto reprodução: Museu Afro Digital Rio de Janeiro.

Os povos da cidade precisam acumular. Acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza. As cidades são estruturas colonialistas. Nem todos os povos da cidade são povos colonialistas, mas a cidade é um território colonialista. Há povos vivendo a duras penas nesse território colonialista.

In: A terra dá, a terra quer. PISEAGRAMA e Ubu, São Paulo, 2023.

## QUEM É NÊGO BISPO?

**Antônio Bispo dos Santos** nasceu no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado Papagaio, hoje município de Francinópolis (PI). Vindo de família não alfabetizada, conta que a ideia de estudar veio de sua gente, que “estava sendo atacada”.

Com uma tradição oral, a comunidade foi surpreendida por processos de regularização de terras, determinados pelo Estado brasileiro, que trouxe à tona documentos antes inexistentes, dando conta de outros donos para os locais onde sempre viveram. “Os contratos orais estavam sendo substituídos por contratos escritos, o pessoal branco começou a nos impor determinadas normas e nós não dominávamos a escrita. Então fui pra escola pra fazer a tradução desses contratos”.

Viu televisão pela primeira vez aos 15 anos e ficou deslumbrado com as imagens do Rio de Janeiro. “Pensei: essa é a cidade que eu quero conhecer.” Aos 18 anos e com diploma do ginásio, par-

tiu. Seu plano nunca foi juntar dinheiro e voltar, como muitos migrantes nordestinos. Trabalhava, juntava uma pequena quantia, pedia demissão e passeava, conhecendo novos lugares. Voltava em Francinópolis e, quando o dinheiro acabava, ia de novo para o Rio. Teve mais de 15 subempregos, a maioria de ajudante de supermercado, mas também em lanchonetes e no metrô. “Foi importante para que eu compreendesse como o povo da cidade vive e pensa, e o que pensa sobre nós”.



Viveu nessa vida itinerante por cinco anos, até 1983, quando voltou a viver em Francinópolis. “Minha família me educou para trabalhar na roça e eu volto para viver a minha vida real, que é de lavrador”, justifica. Bispo se dedicou de tal modo à roça que vivia praticamente isolado do povo de sua comunidade. Até que a mãe lhe chama para uma conversa: “Meu filho, você estudou pra ajudar nós, não estudou só pra você. Se você tá cuidando só da sua roça, então o saber que nós lhe demos está perdido. Você precisa dizer ao povo as coisas que sabe.”

Com a lição de Dona Pedrina, Bispo passa a andar na cidade e a fazer contatos. Torna-se presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francinópolis e, com atuação reconhecida, muda-se para Teresina e integra a diretoria da Fetag-PI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura. Quando chega a Constituição de 1988, pós ditadura militar e com avanços sobre modos de conceber o homem do campo, povos indígenas e quilombolas, Bispo acompanha essas discussões ouvindo notícias no rádio. A Constituição foi promulgada e ele já conhecia a maioria das leis e as discutia com seu povo.

Falecido em 2023, Nêgo Bispo, como também ficou conhecido, escreveu artigos, poemas e os livros Quilombos, modos e significados (2007) e Colonização, Quilombos: modos e significações (2015). Suas ideias buscam refletir os saberes tradicionais dos povos “afro-pindorâmicos”, expressão que ele criou para se referir aos descendentes africanos e indígenas/pindorâmicos, em substituição às designações empregadas pelo colonizador. Seu pensamento vem despertando debates dentro e fora da academia, sobretudo a partir do conceito de “contra-colonização”.

Fontes: [revistarevestres.com.br/entrevista/comeco-meio-e-comeco](http://revistarevestres.com.br/entrevista/comeco-meio-e-comeco) e <https://ea.flch.usp.br/autor/antonio-bispo-dos-santos>



## ORIENTAÇÕES

*Professor(a), talvez seja importante aprofundar o entendimento de alguns conceitos-chave fundados por Antônio Bispo dos Santos, como “Cosmofobia” e povos “afro-pindorâmicos”, além do conceito de “contra-colonização” e “decolonialidade”. Tais discussões têm ganhado mais força nas últimas décadas, a partir de pensadores pós-coloniais ou contra coloniais, os quais buscam romper sobretudo com a visão eurocêntrica que promoveu, por vários séculos, o apagamento cultural e o epistemicídio de inúmeros povos e nações ao redor do mundo, sobretudo dos povos e culturas não-brancas, consideradas inferiores. As pesquisas e elaborações epistemológicas nessa área infelizmente ainda são pouco difundidas na formação inicial dos professores e menos ainda no ensino básico, mas é importante se apropriar desses movimentos e buscar a difusão desse pensamento, tomando como ponto de partida as “cosmovisões” que surgem sobretudo dos povos tradicionais remanescentes no Brasil e abordam outras formas de pensar a relação com o território, com a natureza e com a comunidade. Entre os grandes representantes dessas visões estão, além de Nêgo Bispo, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, entre outros.*

**Após fazer uma leitura atenta, compreender bem as ideias do texto e conhecer um pouco mais sobre o autor, propomos que você e seus colegas reflitam e dialoguem a partir das seguintes questões:**

- 1)** Ao chegar à cidade grande pela primeira vez, Bispo se confronta com um modo de vida completamente diferente daquele que estava acostumado. Qual foi o primeiro fato que lhe chamou a atenção e por que isso lhe causou tanto estranhamento?
- 2)** No local onde Bispo nasceu e foi criado, as pessoas podiam escolher um lugar para construir sua casa de acordo com a identificação e com a relação afetiva que estabeleciam com esse lugar. Você acha que isso seria possível na cidade onde você mora? Por quê?
- 3)** Por que Nêgo Bispo concluiu que a cidade não lhe cabia? Que vantagens seu lugar de origem lhe oferece em relação à cidade?
- 4)** A tradição oral que regia as relações na comunidade em que Antônio Bispo dos Santos vivia se tornou incompatível com o processo de regularização de terras. Como isso ocorreu e acabou mudando o curso de sua vida?
- 5)** Considerando o que você entende por cidadania e territorialidade, reflita:
  - a)** A relação dos quilombolas com seu território e com a comunidade era válida e concreta antes dos contratos de propriedade?
  - b)** Pode-se dizer que os quilombolas viviam como cidadãos plenos? Você acredita que eles dependiam da intervenção do Estado para ter uma vida digna?



### **ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:**

Você conhece alguém da sua comunidade que, assim como Nego Bispo, veio do interior para viver na cidade?

- Caso não conheça, procure em sua vizinhança e dialogue com essa pessoa, para ouvir sua história de vida, suas lembranças da vida no interior e suas impressões sobre a vida na cidade, comparando o que sentia quando chegou e o que sente atualmente, que transformações observou e o que permanece inalterado.
- Com a orientação dos professores, transforme a história dessa pessoa em um belo relato de memórias, a fim de deixar registrado seu trajeto único de vida.



## **ORIENTAÇÕES**

*Professor/a, em relação às questões propostas: 1) espera-se que os estudantes percebam que a primeira constatação de Bispo é a relação com a propriedade privada, uma vez que na cidade grande as pessoas não constroem suas próprias casas, mas as compram e precisam pagar para ter o direito de morar garantido, do contrário vivem na rua ou em moradias precárias; 2) No lugar em que Bispo nasceu e foi criado a lógica para habitar um território e uma casa era baseada numa relação afetiva que se estabelecia desde criança com o lugar escolhido. No momento de ter a própria casa, a comunidade, em mutirão, trabalhava para fazer a casa. É bastante difícil pensar essa lógica nas sociedades urbanas, pois as relações de propriedade baseadas na compra e venda são estabelecidas com muito rigor; 3) Nego Bispo constata: “a cidade não me cabe”, pois ele percebe que o modo de vida ao qual estava adaptado entrava em confronto com o modo de vida colonizado da cidade, ou seja, as relações na cidade se baseiam no acúmulo de capital, no poder de compra e, com isso, pessoas como ele são vistas como ameaças à propriedade privada, como se desejassem se apropriar indevidamente do que pertence aos outros. No seu lugar de origem, ele não era visto como ameaça e também não se sentia ameaçado por ninguém, poderia viver tranquilo, poderia compartilhar o alimento que produzia em sua roça e se sentir feliz com isso; 4) Na parte em que se apresenta a biografia de Bispo, ele relata como o processo de regularização de terras afetou a comunidade em que ele vivia, pois o Estado passou a reconhecer a propriedade a partir de documentos e registros escritos, algo que não existia entre os quilombolas, já que eles se constituíam como uma sociedade oral, isto é, os acordos e relações se estabeleciam por meio da palavra falada, dita e não da palavra escrita. Com a ameaça de perder suas terras para aqueles que poderiam forjar um documento escrito, como um contrato de compra e venda ou uma escritura de posse, era necessário que alguém entre eles dominasse a linguagem escrita. Assim, Bispo foi enviado para a escola para aprender a ler e a “traduzir” os contratos. Com o conhecimento adquirido ele se tornou uma liderança e passou a representar os interesses políticos da sua comunidade e, mais tarde, da sua região e de todo o povo quilombola, por meio de suas provocações e contradiscursos; 5.a) Espera-se que os estudantes percebam que no seio daquela comunidade, mesmo sem a existência de documentos escritos, as relações com o território e com a comunidade se davam de modo orgânico, ocorriam concretamente e eram válidas, pois permitiam uma vivência plena; 5.b) Do ponto de vista humano, embora seus valores fossem diferentes dos valores cultivados em uma sociedade letrada, pode-se, sim, dizer que os quilombolas viviam uma cidadania plena sem a intervenção do Estado. É preciso enfatizar neste ponto que essas comunidades surgiram e se desenvolveram completamente alheias ao Estado, nos processos de resistência à escravidão, exatamente para conferir alguma dignidade humana aos ex-escravizados. Quanto à tarefa do tempo vivencial, é interessante estimular os estudantes a desenvolvê-la e até a produzir um livro de memórias da comunidade, como Entrega da turma.*



## REFERÊNCIAS

ABREU, Tania Marta Moreira de y CURY, Mauro José Ferreira. **Território: uma perspectiva interdisciplinar**, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (abril-junio 2017). Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ccss/2017/02/territorio-brasil.html> Acesso em 03/01/2024.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Educação de Jovens e Adultos: Ciência Humanas**: Componentes Curriculares Geografia e História/ Ensino Religioso. Secretaria de educação (SEDU/ES), 2024. Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/06/DCEJA-2024.-HUMANAS-E-ENSINO-RELIGIOSO-1.pdf> . Acesso nov.2024.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Educação de Jovens e Adultos: Linguagens**. Secretaria de Educação (SEDU/ES), 2024. Disponível em: <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/06/DCEJA-2024.-LINGUAGENS.pdf> . Acesso em nov.2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Territórios alternativos, v. 2, 2002.

MELO, Luiz Carlos Duarte. **Conflitos e contradições sobre a cidade a partir das produções artísticas de Fredone Fone**. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

MORO, Alexandre Escorsi Messias. **Música e discurso: das reflexões do círculo de Bakhtin aos contos de Machado de Assis**. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86535>>. Acesso em 27 jan. 2021.

PRÚCOLI, Aline. **[in]porta:nte**. Vitória: Cousa, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed, 4. reimpressão. Editora da USP: São Paulo, 2021.

VIEIRA, Anna Paula Ferraz Dias. **O direito à cidade e a cultura marginal**: a narrativa de como luta por visibilidade, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/e2b-56505-03d9-455a-ab14-dda209f539c1>. Acesso em: 19/05/2024



**GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO**  
*Secretaria da Educação*